

No curso das nossas discussões da ultima e penultima quarta-feira temos assumido, Vocês e eu, tacitamente, que a causalidade é uma ligação entre fenômenos, que é como que um elastico invisível que une "as coisas". Temos assumido que a causalidade é algo objetivamente encontrado no mundo do "não-eu", e que ela pode ser descoberta por observação desse mundo. O pre-conceito que regeu todas as nossas considerações era a convicção algo vaga que uma coisa empurra a outra, e que serve, portanto, como explicação da coisa empurrada. Eu preciso insistir nesse ponto, sob perigo de repetilo ad nauseam, porque se trata de um ponto cardinal para a compreensão do problema. Todas as nossas tentativas de explicar o mundo e a situação do homem dentro do mundo eram, até agora, baseadas sobre esse preconceito evidentemente ingenuo da ligação objetiva, se bem que invisível, entre "as coisas". O destino é algo objetivo, e a causalidade física é algo objetivo, e as diversas camadas de nexos causais são objetivas, sem considerar se se trata de camadas irreduzíveis ou combináveis em hierarquias. O cepticismo que resulta da aceitação de camadas causais irreduzíveis é um cepticismo quanto á capacidade humana de explicar o mundo, mas não quanto á realidade da ordem ou das ordens no mundo das coisas. Para falar com Kant, consideramos até agora a causalidade como categoria real, como um carater da coisa em si que pode ser descoberto.

O cepticismo de Hume acaba, creio eu, definitivamente com a nossa ingenuidade para com a causalidade. Já mencionei esse cepticismo quando falei em tempo, e quando tentei demonstrar que uma análise do tempo aniquila, ao meu ver, o conceito da causalidade como categoria da realidade. Hume aduziu outros argumentos, emprestados á psicologia, ele chamou aquilo que é comumente considerado causalidade, de "costume"; em outras palavras, ele condena o nexo causal, explicando este conceito como consequencia da falacidade "post hoc, ergo propter hoc" = "depois disso, portanto por causa disso". É claro, que Hume está caindo num circulo vicioso, porque o que afirma, é o seguinte: "A causalidade não existe, existe somente uma sequencia mais ou menos regular de fenomenos que cria a ilusão de causalidade." Em outras palavras ele diz que não existe causa e efeito, e que a cause de cremos em causa é a regularidade dos fenomenos, portanto ele gira em circulo vicioso. Insisto sobre este ponto para mostrar como o proprio Hume é presa da causalidade. Forçosamente, porque sem a fé no nexo causal não existe pensamento.

Todos Vocês conhecem a tentativa gigantesca de Kant de escapar ás consequencias do cepticismo de Hume e de salvar a ciencia e a filosofia. Ela consiste na afirmativa de que a causalidade é uma categoria da razão pura, a qual, misteriosamente, corresponde a uma categoria real da coisa em si, da qual porém é melhor calar-se. A razão pura é construída de tal forma que os fenomenos por ela percebidos são automaticamente ordenados em cadeias de causa e efeito. A causalidade é uma condição a priori dos fenomenos serem percebidos pela razão, tal qual o tempo e o espaço. Portanto o mundo fenomenal é simplesmente inconcebível a não ser causalmente. O acaso e o milagre são inconcebíveis para a razão pura, e também a liberdade humana é inconcebível para a razão pura. A situação da razão pratica é diferente. Para ela existe uma liberdade transcendental, uma espontaneidade absoluta capaz de agir independente da causalidade fenomenal. Essa liberdade é uma ideia pura transcendental, e como tal não pode ser provada nem como realidade nem como possibilidade, ela é um postulado da razão pratica. Desse postulado se deriva a liberdade pratica que reside na independencia da razão pratica da tirania dos sentidos. Temos a vivencia dessa liberdade pratica atravez da nossa vontade. E a razão teorica interpreta essa nossa vontade como uma entre as causas fenomenais, e as nossas ações são interpretadas como efeitos de nossas ideias, que lhes servem de causas. Tudo isto é muito difícil, mas redundante, creio eu, na seguinte afirmativa: Não devemos confundir a etica com a epistemologia. Na etica existe a liberdade absoluta, eticamente, isto é praticamente, somos absolutamente livres. Na epistemologia a liberdade é inconcebível, teoricamente somos a priori determinados categoricamente, a saber pela categoria da nossa razão pura.

Causalidade (cont.)

Estamos portanto com Kant diante de uma bifurcação de caminhos que tinha consequências imprevisíveis e imprevisíveis para o pensamento ocidental, e convido-vos a considerá-los rapidamente. Temos de um lado a razão teórica, que representa o mundo como causal, e temos, de outro lado, a razão prática, a vontade, que vive o mundo como inteiramente livre. Schopenhauer foi o primeiro a sentir e interpretar essa profunda dicotomia. Ele foi o primeiro a perceber a luta que existe entre esses dois conceitos e a compreender que se trata de problemas de psicologia. O mundo como vontade é inimigo do mundo como representação, o mundo prático é inimigo do mundo da teoria. Schopenhauer compreendeu que o mundo da vontade é o mundo da vida, e que o mundo teórico é inimigo da vida. Isto é a razão do seu profundo pessimismo, porque Schopenhauer simpatizava com a razão teórica e portanto detestava a vida. Nietzsche abandonou a simpatia pela razão teórica e procedeu com uma total revalorização dos valores. Para ele a vontade é o princípio básico, e a razão teórica é simplesmente um instrumento dessa vontade, pela qual ela se impõe sobre o mundo. Está assim aberto o caminho para as diversas filosofias de vida (Lebensphilosophien) como seja Bergson, a fenomenologia, e o existencialismo, e o caminho para o pragmatismo, em outras palavras está aberto o caminho para o barbarismo do século vinte. Observem que reviravolta fez a razão prática a partir de Kant até os nossos dias. Para Kant a liberdade consiste na independência do homem dos sentidos, na sua capacidade de transcender os sentidos e de entrar em contato direto com a realidade. A liberdade, para ele, consiste na responsabilidade do homem diante do imperativo categórico, é uma liberdade em sentido religioso. Hoje a a partir de Nietzsche a liberdade consiste na licença do homem de impor a sua vontade sem nenhuma restrição e nenhuma responsabilidade. Os caminhos da filosofia são sutesis e tortuosos. Eu disse que estamos com Kant diante de uma bifurcação de caminhos e segui o caminho para dentro do mundo da vontade. Volto agora para segui-lo para dentro da teoria. De acordo com Kant o mundo fenomenal é, a priori, representado como causal, em outras palavras, não são os fenômenos que são ligados entre si pelo nexos causal (pelo menos nada podemos saber a respeito disso), mas são as nossas representações (vorstellungen) dos fenômenos que são assim ligadas. A causalidade é, portanto, uma organização não dos fenômenos, mas dos símbolos que os representam. A ordem causal que percebemos no mundo se deve a organização dos símbolos pelos quais representamos o mundo. Estes símbolos são, em primeiro lugar, palavras, e a ordem causal que ~~que~~ percebemos no mundo se deve, portanto, a ordem que rege as palavras. Para dizer a mesma coisa mais brutalmente: a ordem do mundo é consequência da gramática, da semântica, do syntax da nossa língua. E entre todas as línguas que falamos há uma especialmente bem organizada e que exprime melhor a razão teórica, é a língua da matemática. Portanto a ordem que percebemos no mundo é consequência das regras da nossa matemática pura. Vejam de que maneira surpreendente a análise da razão teórica kantiana remonta até Pytagoras e até o orfismo.

Não creio que as consequências desta ordem de ideias podem ser exageradas. Se nos aprofundamos nela chegamos ao resultado já varias vezes por mim vislumbrado nesta sequencia de quartas feiras, a saber ao resultado de que a ciência é uma arte abstrata. Gosto, para ilustrar esta afirmativa, de contar a seguinte historia, que li, creio, em Eddington: Um cientista abandonado numa ilha deserta encontra a pegada de um animal na areia da praia. Como não tem nada melhor de fazer tenta ele reconstruir o ser que causou essa pegada. Depois de estudos aprofundados consegue, passo a passo, por calculos exatos do tamanho, da profundidade etc. da pegada de reconstruir o animal todo, e verifica que foi ele mesmo o autor da pegada. Isto é a tarefa da ciência: descobrir-se a si mesma no fundo dos fenômenos. Vou explicar um pouco melhor como eu compreendo este conto de fadas: Admitamos que percebemos um fenômeno, por exemplo o levantar do sol, e esforçamo-nos por compreendê-lo. Verificaremos que o levantar do sol é muitas vezes precedido por outro fenômeno, por exemplo o cantar de um galo. Di-

remos que o cantar do galo é a causa do levantar do sol, e teremos assim estabelecido uma teoria. Na base dessa teoria teremos a expectativa de, amanhã, quando o galo cantar, o sol se levantará. Se isto acontecer, (como acontecerá), a teoria será experimentalmente verificada. Será uma teoria valida que explicará o fenomeno em questão. O nexu causal entre o canto do galo e o levantar do sol não é um nexu real, (creio que Vocês concordarão comigo neste ponto) e sim um nexu entre os simbolos "Canto" e "levantar", mas isto não impede que possa ser experimentalmente verificado. A nossa teoria serve, no entanto, ainda para mais coisas. Ela pode ser base de progressos tecnicos, por exemplo: Cada vez que o galo canta, extenderemos a nossa roupa molhada, na esperança de que o sol se levantará e secará a roupa. A nossa esperança será demonstrada como justificada, e diremos que nos utilizamos da lei estabelecendo o nexu entre o canto e o levantar do sol para o progresso da humanidade. E admiraremos a profunda perspicacia da razão humana, que descobriu um segredo profundo da natureza, a saber o nexu entre o canto e o levantar do sol, e utilizou esta descoberta para fins humanos.

Evidentemente, a teoria em questão é ingenua e superada. Dispomos de teorias mais sofisticadas para a explicação do levantar do sol, por exemplo a teoria dos cavalos de Helios, ou a teoria de Ptolomeu, ou de Newton ou de Einstein. São teorias mais sofisticadas, mas não mais verdadeiras. Tal qual a teoria do canto do galo são verificadas experimentalmente e funcionam na pratica, e é portanto impossivel dizer qual delas explica "melhor" o fenomeno do levantar do sol. Alias uma afirmação assim careceria de sentido. Uma teoria não pode ser nunca considerada verdadeira no sentido classico da palavra, ela nunca pode estabelecer uma correspondencia entre a razão e o fenomeno, pelas razões demonstradas na filosofia kantiana. O que a teoria faz é simplesmente estabelecer uma ordem entre simbolos que representam fenomenos observados, e como uma ordem é, afinal das contas, coisa da conveniencia, uma teoria pode ser mais ou menos conveniente, mas nunca mais ou menos verdadeira. A teoria Einsteiniana é mais conveniente que a teoria do canto do galo, porquê ela oferece as seguintes tres vantagens: ela é mais exata, ela é mais economica e ela abrange um campo mais vasto. A maior exatidão da teoria einsteiniana reside na sua linguagem. A teoria do canto do galo é expressa em linguagem diaria, e a ordem que prevalece nessa teoria é a ordem da gramatica da lingua portugueza. Dá portanto margem a certas interpretações erradas. Por exemplo o simbolo "canto do galo" não é exatamente definido e pode conduzir ao erro. O galo pode piar e nós podemos esperar pelo levante do sol, quando este naturalmente se dá, de acordo com a nossa teoria, quando o galo canta de voz alta. A teoria einsteiniana é expressa em equações maxwellianas, se não me engano. A ordem que prevalece nessa teoria é a ordem da matematica avançada. Os simbolos são todos bem definidos e a margem de erros de interpretação é reduzida se comparada com a teoria do canto do galo. A segunda vantagem da teoria einsteiniana reside em sua economia de simbolos utilizados. A teoria do canto opera com um grande numero de simbolos, todos eles representando diretamente fenomenos observados. A teoria einsteiniana opera com tres ou quatro simbolos, como tempo-espaço, campo, e materia-energia, e são simbolos muito distantes dos fenomenos observados. A terceira vantagem da teoria einsteiniana é o campo mais vasto da sua applicabilidade. Com a teoria do canto do galo podemos explicar sómente o levantar do sol, e o levantar da lua já exige uma teoria diferente, por exemplo a teoria do canto do sapo. A teoria einsteiniana encerra em si a teoria do galo e do sapo e um grande numero de outras teorias. A teoria einsteiniana não é, portanto, mais verdadeira que a teoria do canto do galo, mas é muita mais bonita, e foi por esta razão estetica que foi adaptada. No entanto não suprime a utilização da teoria do galo por definitivo. Quando ouvimos um galo cantar, concluiremos que o sol se levantará, baseados, com certeza, na antiga teoria.

A causalidade (cont II)

Destas considerações resulta o seguinte: a ordem que acreditamos perceber nos fenômenos e descobrir na natureza, é a ordem da nossa própria razão, e essa ordem depende da linguagem que usamos. É neste sentido que compreendo a fábula do cientista na ilha deserta.

Surpreendentemente o segundo caminho a partir de Kant, o caminho para dentro da razão pura, conduziu ao mesmo resultado do primeiro caminho. No primeiro caso o homem no apareceu como inteiramente livre, no segundo caso como o legislador do mundo. Nos dois casos aparece a causalidade como um instrumento do homem, uma arma com a qual o homem ~~fabrica~~ abre o seu caminho através a mata virgem dos fenômenos que lhe são dados. Em outras palavras questões de lógica e de ética são subordinadas a questões estéticas, porquê o homem, em sua inteira liberdade e sua vontade soberana age como um criador, como um artista produtivo, age (porquê não dizê-lo?) como Deus. As diversas filosofias da atualidade, sejam elas quão diferentes que queiram, e provenham elas de qualquer dos aspectos kantianos, tendem a a firmar a mesma coisa: o homem em sua liberdade é Deus. A isso tende o lado teórico da nossa filosofia, o logicismo, o formalismo, o positivismo, e até Wittgenstein, se bem analisado. E a isso tende o lado prático da nossa filosofia, o pragmatismo, o existencialismo e a fenomenologia. Digã "tende", por que, graças a Deus, o progresso da filosofia é lento e ela não chegou ainda a estas alturas. Mas é importante notar como todas as correntes do pensamento moderno parecem a querer reunir-se depois de quinhentos anos de dispersão e multiplicidade. Também deste ponto de vista parecemos aproximar-nos de uma nova idade média com uma filosofia, talvez até uma scholastica, unificada.

Desta forma portanto parece ter sido definitivamente vencida a força do destino, tanto do destino grego como do judeu. De força temível que rege todos os atos humanos transformou se em instrumento da vontade livre humana. Mas, confessemos-lo, logo de início, algo cheira mal nessa vitória da razão humana. Ela é ameaçada de dois lados diferentes: a saber do lado empírico, do lado dos sentidos, e por dentro, pela própria razão pura. Tratarei do lado empírico primeiro.

A razão pura afirma que, sendo o nexos causal uma categoria "a priori", o acaso e o milagre são inconcebíveis. É inimaginável para a razão humana que um fenômeno escape ao nexos causal imposto pela razão humana. No entanto a física moderna, que avança até o centro daquilo que chamamos matéria e energia, atingiu regiões que se recusam obstinadamente a enquadrar-se em qualquer nexos causal, e isto da mais diversa forma. As quantas por exemplo seguem caminhos indetermináveis, correm, se me permitem dizê-lo, ao acaso. O fator de indeterminação de Heisenberg é outro exemplo da derrota da causalidade no centro da matéria e da energia. Poderia citar outros exemplos mas creio que alguns entre Vocês se encarregarão de dar esses exemplos. Trata-se aí de uma derrota básica da razão humana que evidentemente se esforça ainda por negá-la. Porquê a física nuclear afirma o impossível ela afirma que existem regiões onde a razão pura não pode penetrar, muito menos impor as suas regras. Por absurdo que pareça a física reconduz á metafísica e á fé na realidade superior á razão humana.

A vitória da razão pura é, no entanto, ameaçada também por dentro. Essa ameaça, que se começa a esboçar em nossos dias, chamarei de de perigo do não objetivo. As regras da razão pura, sendo convencionais, são regras ad hoc, portanto regras intencinais, e portanto contradictiones in adiectu. A causalidade como produto da regra da razão pura é produto da vontade humano, e a razão pura se subordina, automaticamente, á vontade. E nada desobedece ás regras da razão pura pela simples razão de que nada existe que possa obedecer ou não á essas regras. A razão pura é um legislador que é servo da vontade e rege no vacua. Os fenômenos que deviam obedecer á razão pura são, eles próprios, resultados da razão pura, e estamos preza de um solipsismo ainda mais absoluto que o solipsismo pre-kantiano. Cheguei a ler, outro dia, num livro sobre cosmologia, que a ciência funciona perfeitamente, mesmo se não existisse um mundo. O mun-

do se tornou uma hipotese desnecessaria para a ciencia do seculo 2o, como o era Deus no seculo 19. Estas são, creio eu, as duas limitações da vitoria da razão pura em nossos dias: a recusa brutal dos fenomenos de submeter-se e o perigo dos fenomenos submetidos de derreter-se no nada. Se não. consegui desenhar estes perigos mais claramente, é porque são perigos novos e dificeis de serem assimilados. Talvez o assunto se tornará mais evidente no curso de uma discussão que, assim espero, será hoje mais civilizada e mais apropriada ao tema.

Resumirei o que tentei dizer da causalidade nas tres ultimas quartas feiras: é um conceito que se desenvolveu a partir da noção etica do destino, que é comuna toda a humanidade, mas que chegou até nós na sua forma judaica e grega. Durante o desenvolvimento de pensamento ocidental o destino perdeu progressivamente a sua contonação etica, para se tornar logico, para se tornar causalidade. O contrario da causalidade, isto é o acaso, o milagre e a liberdade, no entanto, nunca perderam o seu carater etico, circunstancia que prova que a propria causalidade conserva no seu seio o contexto ético, como contrario da liberdade. Nos ultimos decenios o carater logico da causalidade começa a modificar-se. Como toda a logica, tambem a causalidade começa a aproximar-se da estetica, e deste ponto de vista podemos afirmar que o pensamento europeu se aproxima, pela primeira vez na sua historia, do buddhismo e do taoismo. Não quero abandonar este tema, sem pelo menos tocar de leve no conceito da causalidade na China e na India, aonde o problema teve uma historia totalmente diversa da nossa.

Na India prevalesce a noção do karma, que é uma sintese do destino etico e da causalidade logica. É o nexa necessario entre os fenomenos que tem o seu principio, seu primus motor, no desejo. O desejo é a primeira causa de toda a gigantesca roda causal que é o mundo fenomenal, que é o maia. Desta forma o mundo, e com ele a causalidade, são psicologizados e simultaneamente moralizados. É facil ver que Schopenhauer viu e utilizou paralelos entre o conceito do desejo, prana, e entre a razão pratica kantiana. A inimizade de Schopenhauer contra a vontade é parente da tentativa indiana de destruir ou disciplinar o desejo, para assim desarmar karma, a causalidade e o destino. Dominado o desejo é dominado o destino, e com ele o mundo fenomenal, que se dissolve para desvendar o mundo real, o Brahman.

Esta noção sofreu um novo desenvolvimento na China, aonde o karma assumiu um carater estetico, de regras convencionais e belas. Tanto o buddhismo chinês, como o konfucianismo e o taoismo, não são, em ultima analise, mais, do que outras tantas tentativas de dominar o destino desmascarando o seu carater convencional e estetico, e demonstrando que nada na realidade obedece ás suas regras. Tentei mostrar como o Ocidente se aproxima, sebem qn a partir de bases bem diferentes, do mesmo conceito.

A India e a China, e o Ocidente dos nossos dias, são civilizações ateistas. Perderam (ou nunca tiveram) a fé na vontade divina. É por esta razão que tentam vencer o destino ou negalo, e é por esta razão que concebem a liberdade como algo não determinado, isto é concebem a liberdade negativamente. Mas no fundo das nossas consciencias conservamos a noção do destino como vontade divina. Ainda conhecemos a expressão: um destino bondoso, e conservamos tambem ainda a noção da liberdade como dadia divina que nos possibilita voltarmos á realidade. Conservamos, em outras palavras, a fé, qn o destino, e com ele a causalidade, são a forma como a vontade divina se expressa no tempo e no espaço, e que a liberdade nos conduz para fora dessas categorias. Kant presentiu esta fé, e por absurdo que seja, a ciencia moderna parece comprova-la inesperadamente.

Em conclusão diria que dentro do mundo fenomenal existem uma infinidade de nexos causais, uma infinidade de caminhos divinos, (ou camadas de existencia, se preferem). E que a mente humana é capaz de superar o mundo fenomenal, pelo amor (se não se chocam com essa palavra) e que nisso reside a sua liberdade.